

MORFOLOGIA DO VERBO NO PORTUGUÊS

Odette G.L.Altmann de Souza Campos
Faculdade de Ciências e Letras UNESP-Araraquara

Resumo: *O objetivo desta pesquisa é apresentar uma contribuição para o ensino da morfologia do português tanto para falantes que a estudam como primeira língua como para estrangeiros. Para tanto, partimos das pesquisas de Bybee (1985), que analisa as relações existentes na flexão, relacionando traços comuns na própria flexão e procurando relacioná-los a aspectos semânticos e cognitivos comuns que possa haver entre eles. É objeto de nossa reflexão o morfema expresso por zero e suas manifestações na língua portuguesa, bem como alguns aspectos da chamada "conjugação verbal irregular"*

Palavras-chave: *morfologia flexional, flexão verbal, morfema zero.*

Abstract: *The aim of this research is to present a contribution to those who teach morphology of Portuguese for speakers of this language as first or second language. For this, we took Bybee's research on morphology (1985) that looks for the relations existing in the paradigms of verbs and nouns, relating them to semantic and cognitive aspects. In this paper, we are treating morphemes expressed by zero and some aspects of the so called "irregular inflexion".*

Keyword: *morphology, verb inflexion, zero morpheme.*

Na qualidade de professora de Língua Portuguesa, observamos as dificuldades tanto de alunos em dominar o sistema morfológico de nossa língua como de professores em encontrar uma metodologia adequada para o ensino da morfologia. Nos livros didáticos, temos observado uma tendência de não apresentar aos alunos o paradigma completo dos nomes e dos verbos, como se este não estivesse ao alcance do entendimento dos alunos. Não pretendemos sugerir que se volte ao passado e se decorem os paradigmas do verbo e sejam recitados, fora do contexto, como se fossem poesias, prática esta utilizada há algumas décadas, no ensino tradicional de língua portuguesa.

Diante de tantas dificuldades no ensino desta parte da língua que é fundamental para o bom desempenho lingüístico de seus usuários, decidimos transpor para o português a experiência da lingüista Bybee.

Com o objetivo de apresentar algumas sugestões que possam ser úteis para o ensino de morfologia das línguas naturais, especialmente da língua portuguesa, pretendemos tentar mostrar relações existentes entre formas do sistema morfológico do verbo que se aproximam tanto do ponto de vista formal como semântico. Para tanto, estamos nos utilizando da experiência apresentada por Bybee em *Morphology* (1985), baseada em uma análise de 50 línguas de origem e características diferentes.

De um modo geral, nos estudos de morfologia, em uma ótica estruturalista ou mesmo distribucionalista, não se considera a possibilidade de haver entre os paradigmas ou em um mesmo paradigma relações semânticas e cognitivas que os aproximem. A gramática tradicional via o paradigma verbal como algo fechado, que deveria ser memorizado. Os estruturalistas avançaram identificando unidades menores, os morfemas, que por sua vez formavam as palavras. Assim encontramos, entre os lingüistas, a preocupação de identificar

os morfemas, de definir suas variantes fonológicas e morfológicas¹ e mesmo sua distribuição².

É nessa ótica que se encontram, de modo geral, os estudos de morfologia do português como os de lingüistas como Mattoso Câmara (1970), Lemos Monteiro (1987) e Valter Kehdi (1990) e ainda as gramáticas da língua portuguesa, mesmo as mais recentes como a de Bechara.

É indiscutível a contribuição que estes lingüistas e gramáticos deram aos estudos de morfologia e mesmo a um conhecimento mais acurado da língua portuguesa.

Nesta linha de estudos, considerava-se o morfema como uma entidade dotada de significado, mas arbitrária, postura esta, muito provavelmente, ligada à definição de Saussure com relação ao signo³.

Bybee⁴ procurou ir mais além em sua análise, procurando relacionar certos fatos comuns às línguas a certas características cognitivas e psicológicas de seus usuários.

Certos fatos considerados comumente pelos lingüistas como de difícil explicação, como a ocorrência de morfemas que possuem sistematicamente a expressão zero nas línguas e as flexões chamadas de irregulares foram alvo de reflexão por parte de Bybee e serão comentadas por nós para que se possam observar traços comuns nos paradigmas verbais e nominais.

Esta lingüista verificou existirem características comuns entre os zeros da flexão dos nomes e da dos verbos. Vejamos, em se tratando dos nomes, a oposição entre as formas do singular e do plural e entre as de masculino e feminino são oposições entre uma forma não marcada e outra marcada, como muito bem o notou nosso mais antigo lingüista que se dedicou ao estudo da língua portuguesa, Mattoso Câmara(1970). A forma não marcada é sempre a forma genérica, que ocorre nos dicionários, no verbete da palavra, expressando tanto o singular como o masculino. Serve também para expressar o genérico, como se vê em provérbios, como “*Casa de ferreiro, espeto de pau*.”

No caso dos verbos, no que diz respeito aos modos, as formas zero encontram-se no indicativo e no imperativo. São formas menos marcadas semanticamente, se as compararmos com as do subjuntivo. Com relação aos tempos, o presente é o menos marcado semanticamente, uma vez que suas formas servem tanto para a expressão do presente como para o passado e o futuro. Este também apresenta o morfema zero, em oposição a formas que expressam o passado e o futuro, que apresentam um morfema próprio. Ex.: ama, escreve e parte comparadas a amava, escrevia e partia, amará, escreverá e partirá.

Com relação à expressão das pessoas verbais na flexão verbal, Benveniste já fazia a oposição entre as chamadas pessoas verbais e a “não-pessoa”, que seria a terceira¹. Esta estaria fora da interação falante-ouvinte. E é esta terceira pessoa, que, em princípio, se distingue das outras duas, na flexão, por possuir a expressão zero, diferenciando-se das outras, que possuem forma própria de expressão. Ex.: canta, dorme parte em oposição a cantamos, dormimos e partimos, cantais, dormis, partis..

Todas essas formas expressas por zero têm em comum o fato de serem mais genéricas, menos marcadas semanticamente em relação às que possuem uma forma

característica. Do mesmo modo que a forma do singular é menos marcada semanticamente do que a do plural, a do masculino, em relação ao feminino, igualmente, as formas do presente do indicativo apresentam menos marcas semânticas do que as de qualquer outro tempo do indicativo, e as do indicativo e do imperativo são menos carregadas de marcas semânticas do que as do subjuntivo. Há, ainda, casos, na língua portuguesa em que se acumulam dois morfemas zero, um modo-temporal e um número-pessoal, como podemos observar nas terceiras pessoas do singular do presente do indicativo e nas segundas do singular do imperativo afirmativo.

As relações entre formas são ainda mais exploradas por Bybee, que observa existirem em certos paradigmas uma forma básica, a partir da qual as outras se formam (derivam, segundo Bybee). É o caso dos verbos que chamamos de regulares, que teriam, no português, uma forma, como a terceira do singular do presente do indicativo, que serviria de base para a formação das demais do paradigma. Assim, a partir de formas como **ama**, **bebe** ou **parte** seriam formadas todas as formas dos demais tempos, modos e pessoas.

Analisando os chamados “verbos irregulares”, que possuem paradigmas mais complexos, Bybee constatou haver, neste caso, mais de uma forma básica a partir da qual se formariam as demais. Essas formas se organizam em conjuntos, que possuem características comuns. Poderíamos exemplificar este fato com o latim, onde os tempos verbais do perfectum e do infectum formam dois grupos separados, com formas básicas diferentes. Cada conjunto, além das relações semânticas que unem seus membros, apresenta também semelhanças formais. Formam-se, assim, blocos de formas que se unem e, ao mesmo tempo, se opõem a outros. Nesses grupos há o que se poderia chamar de coesão interna.

Na língua portuguesa, poderíamos citar o grupo do pretérito dos chamados verbos irregulares, que compreende o perfeito e o mais que perfeito do indicativo, o imperfeito e o futuro do subjuntivo. Ex.: disse, dissera, dissesse, disser; foi, fora, fosse, for; fiz, fizera, fizesse, fizer. Do mesmo modo, o grupo do presente compreende a primeira pessoa do presente do indicativo e o presente do subjuntivo: faço/faça; peço/peça; digo/diga; o do futuro, em farei/faria; direi/diria; o do imperfeito, que compreende as formas do presente do indicativo, excetuando a primeira e as do imperfeito do indicativo. Ex.: diz/dizia, faz/fazia.ⁱⁱ

Observamos, por esses fatos, que, como essas relações se explicam e se ligam a valores semânticos, pode-se dizer que o arbitrário do sistema morfológico apresenta proporções menores do que normalmente se imagina.

Bybee constata ainda, nas línguas por ela examinadas, que na flexão dos chamados “verbos irregulares” há alguns desvios, que trazem como consequência paradigmas supletivos. Esse fato ocorre usualmente em verbos muito freqüentes na língua. Em inglês, observamo-lo com verbos como **to be** e **to go**, que possuem formas como *am*, *are*, *was*, *were* e *went*, respectivamente. Em português, temos vários paradigmas supletivos, também em verbos muito freqüentes na língua, como **ser**, **estar**, **ir**, **vir** e outros. São desvios da flexão que se caracterizam por ocorrerem em verbos muito usados na língua e por não serem previsíveis morfofonemicamente (Bybee: 91). Esses desvios ocorrem, muito freqüentemente separando distinções aspectuais. Em alguns casos, observa-se a presença desse supletivismo, distinguindo diferentes pessoas de um mesmo tempo verbal. É curioso observar que esse tipo de supletivismo, que é o mais raro, ocorre no presente do indicativo de certos verbos muito freqüentes nas línguas, como **be** em inglês, **sein**, em alemão, **ser**, em português. Bybee tenta explicar esse fato pela alta freqüência desse verbo aliada à grande variedade de seus usos. Coloca como funções do verbo **to be** a cópula, as construções

progressivas e passivas, as construções clivadas e as pseudo-clivadas, fatos esses que justificariam a autonomia de suas formas. Em português, também o verbo **ser** tem uma variedade de funções, que se assemelha à do inglês, o que poderia ser uma justificativa de sua autonomia. Assim, verbos que apresentam estas características, diversidade de uso e frequência alta, teriam um paradigma estruturado de maneira diferente dos demais.

Todos estes fatos nos mostram que, embora no sistema morfológico do português, não há necessariamente a relação 1:1 entre a forma e o significado, muitas propriedades desse sistema podem ser explicadas, como a semelhança semântica entre os valores do morfema zero, a coesão entre as várias formas dos grupos que compõem a chamada “irregularidade verbal” e a autonomia de certas formas do paradigma verbal. Essas características não são específicas da língua portuguesa, mas são comuns a vários sistemas morfológicos, como Bybee nos mostra.

Essas reflexões, se levadas à sala de aula em proporções adequadas para os diferentes níveis de alunos, poderiam desmistificar o ensino da morfologia e tornar seu aprendizado acessível aos vários níveis de escolaridade.

Notas

¹ Cf. Nida, E. A. . “ The identification of morphemes” in Joos, M. *Readings in Linguistics I*, The University of Chicago Press, Chicago, 1957: 255-271..

² Cf Harris, Z. “ From morpheme to utterance” in idem, 141-153.

³ Saussure, no Curso de Lingüística Geral, coloca como primeiro princípio que caracteriza o signo a arbitrariedade.

⁴Cf Morphology (1985)

⁵ Cf Benveniste, E. “Estrutura das relações de pessoa no verbo in Benveniste,E *O homem na linguagem*. Veja, Lisboa, 1992

⁶ Essa divisão em grupos não é uma novidade introduzida por Bybee. Já vem sendo apresentada em estudos sobre a língua portuguesa, desde Mattoso Câmara.

Referências Bibliográficas

BENVENISTE, E. “Estrutura das relações de pessoa no verbo in BENVENISTE ,E *O homem na linguagem*., Lisboa, Veja 1992

BYBEE,J.L. *Morphology* A Study of the relation between meaning and form , Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1985

HARRIS, Z. “ From morpheme to utterance” in Joos, M. *Readings in Linguistics I*, Chicago, The University of Chicago Press,141-153.

KEDHI,V. *Morfemas do Português* , São Paulo, Editora Ática, 1990.

MATTOSO CÂMARA,J.JR.*Estrutura da Língua Portuguesa*,Petrópolis, RJ, Editora Vozes,1970.

MONTEIRO, J.L. *Morfologia portuguesa*, 2ª. ed., Fortaleza, EDUFC, 1987.

NIDA, E. A. . “ The identification of morphemes” in Joos, M. *Readings in Linguistics I*, Chicago, The University of Chicago Press, 1957: 255-271..

SAUSSURE, *Curso de Lingüística Geral*, São Paulo, Cultrix, 1972.